

**EDITORIAL BY GUEST EDITORS**      **EDITORIAL DOS EDITORES CONVIDADOS**

Dr. David Pearson

Dr. Fabiano Cataldo de Azevedo

Bel<sup>a</sup>. Luciana Martins

Bel<sup>a</sup>. Marli Gaspar Bibas

Dra. Nathália Henrich

The texts gathered in this special issue make up three groups: in a first set are papers approved for presentation at the “International Seminar: provenance marks”, which was cancelled due to the pandemic. In the second, are some of the texts derived from exhibitions at the “Series of Lectures: Provenance and the Material Culture”, held virtually in 2020 under the coordination of members of the Project “The Eloquence of Books: Provenance Marks”, belonging to the Group of Studies and Research on Documentary Heritage. Finally, the third group is composed of texts by invited national and international specialists. However, it is worth mentioning that the texts do not necessarily follow this order.

This special issue is dedicated to the many aspects of provenance research and analytical bibliography. Both fields are intrinsically intertwined and have

Os textos reunidos nesta edição especial compõem três grupos: num primeiro conjunto, estão artigos aprovados para apresentação no “Seminário Internacional: As marcas de proveniência bibliográfica”, que foi cancelado devido a pandemia. No segundo, estão alguns dos textos derivados de exposições no “Ciclo de Palestras: Marcas de Proveniência e a Cultura Material”, realizado virtualmente em 2020 sob a coordenação de membros do Projeto “A Eloquência dos Livros: Marcas de Proveniência Bibliográfica, pertencente ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Patrimônio Documental”. Por fim, o terceiro grupo é composto por textos de especialistas nacionais e internacionais convidados. Contudo, cabe mencionar que os textos não seguem necessariamente esta ordem.

Este número especial é dedicado aos muitos aspectos da pesquisa de proveniência e bibliografia material, campos intrinsecamente entrelaçados e que têm atraído um interesse renovado nas últimas

attracted renewed interest in the past decades. Our approach to historic books, and the kinds of questions we bring to them, has been also transformed. In the twentieth century, much of the work done on historical bibliography was focused on mapping the outputs of the world's printing presses, on building accurate and reliable catalogues to tell us what was produced. We have come to realise that investigating the ways in which books were read and used, and the influence they may (or may not) have had, is at least as important as knowing which authors and titles were published. Ownership evidence, in its many forms, can tell us not only which books made it onto people's shelves, but also how they regarded and treated those books; annotations and marginalia can give us direct access to the interface between a text and a reader. It can help us to track the ways in which institutional libraries grew, as several of the essays here demonstrate. If the history of books is about understanding their social impact, provenance research is a key window into that world.

This approach embraces every kind of evidence about the owning and using of books: marks of ownership (including inscriptions, bookplates, and

décadas. Nossa abordagem sobre os livros históricos, e os tipos de perguntas que fazemos a eles, também foi transformada. No século XX, muitos dos trabalhos feitos em bibliografia histórica estiveram focados no mapeamento de publicações das imprensas do mundo, na elaboração de catálogos precisos e confiáveis que informassem o que foi produzido. Chegamos à conclusão de que investigar a forma como os livros eram lidos e utilizados e a influência que eles podem (ou não) ter tido, é pelo menos tão importante quanto saber quais autores e títulos foram publicados. As evidências de propriedade em suas muitas formas podem nos dizer não apenas quais livros chegaram às estantes das pessoas, mas também como elas apreciavam e tratavam esses livros; anotações e marginais podem nos dar acesso direto à interface entre um texto e um leitor e pode nos ajudar a acompanhar as formas como as bibliotecas institucionais cresceram, como demonstram vários dos artigos aqui apresentados. Se a história dos livros trata de entender o seu impacto social, a pesquisa sobre proveniência é uma janela fundamental para esse mundo.

Esta abordagem abrange todo tipo de evidência sobre a posse e uso de livros: marcas de propriedade (incluindo inscrições, ex-líbris, etiquetas de livros e brasões),

armorials), marks of use (annotations, marginalia, evidence of reading); and secondary evidence of ownership (sale catalogues, library catalogues, lists of books in probate inventories, even deductions from an author's publications). We should remember that many of these kinds of secondary evidence survive, even when books themselves may be lost or dispersed; countless thousands of sale catalogues of libraries have been printed and preserved from the seventeenth century onwards, from many countries. Provenance markings in any particular book may be extensive – a succession of owners leaving their footprints over several centuries – or more limited, any or all of these things are commonly encountered.

What provenance study is *not*, however, is the identifying of association copies, looking only at books owned by famous people. Provenance has been respected in this sense for a long time; there's a certain awe and wonderment about books that have belonged to celebrities. Booksellers have long noted such things in their book descriptions, and libraries, likewise, have sometimes noted such ownership in catalogue records when they wouldn't otherwise record provenance. It is important to recognise that we should be

marcas de uso (anotações, marginais, evidências de leitura); e evidências secundárias de propriedade (catálogos de venda, catálogos de bibliotecas, listas de livros em inventários de sucessões, até mesmo inferências sobre as publicações de um autor). As marcas de proveniência em um livro em particular podem ser extensas - uma sucessão de proprietários que deixam seus rastros ao longo de vários séculos - ou mais limitadas, qualquer uma ou ambas são comumente encontradas. Devemos lembrar que muitos desses tipos de evidências secundárias sobrevivem, mesmo quando os próprios livros estejam perdidos ou dispersos, afinal, milhares de catálogos de venda de bibliotecas foram impressos e preservados, a partir do século XVII, em muitos países.

O que **não** é estudo de proveniência, no entanto, é a identificação de contrafações, apenas preocupado com livros que pertenceram a pessoas famosas, ainda que a área tenha sido conformada nesse sentido por muito tempo, já que há um certo fascínio pelos livros de personagens célebres. Os livreiros vêm há muito tempo registrando tais evidências em suas descrições de livros, e as bibliotecas, da mesma forma, às vezes, mencionam informações sobre propriedade nos seus catálogos, e caso contrário, não haveria o registro da proveniência de uma

interested in every kind of former ownership, as it all has something to say about the history of the book. The scribbles and doggerel found in books that belonged to humble, uneducated, unprofessional people are at least as interesting, if not more so, than the scholarly notes of academic owners.

Marking ownership in books takes numerous forms and many of them have a long history. Writing a name in a book is perhaps the simplest and most obvious way of doing it, and people have been doing this for pretty much as long as books have existed; in Europe, examples can be found from the early Middle Ages onwards. Names are often found on titlepages or endleaves, but they were sometimes written on covers or leaf edges and may appear anywhere through the text of a book. Ownership inscriptions often include other useful snippets of information, like the owner's occupation or place of residence, the date of purchase, price paid, or the name of a donor or seller.

People have also chosen to mark their ownership by pasting in some kind of printed label. The earliest bookplate is generally agreed to be the hand coloured woodcut label put into the books given to a German monastery (the Buxheim Charterhouse) by Hilebrand Brandenburg

obra. É importante reconhecer que devemos estar interessados em todo tipo de evidência de propriedade anterior, pois todos têm algo a dizer sobre a história do livro. As anotações encontradas em livros que pertenciam a pessoas comuns, sem instrução formal são tão interessantes, se não mais, do que as notas de proprietários acadêmicos.\

As marcas de propriedade em livros assumem inúmeras formas e muitas delas têm uma longa história. Escrever um nome em um livro é, talvez, a maneira mais simples e óbvia, e as pessoas o fazem há quase tanto tempo quanto os livros existem; na Europa, exemplos podem ser encontrados a partir do início da Idade Média. Os nomes são frequentemente encontrados em páginas de rosto ou folhas de guarda, mas também há casos em que foram escritos em capas ou bordas de folhas, além de poderem estar em qualquer lugar de um livro. As marcas de propriedade, comumente, incluem outros fragmentos úteis de informações, como a ocupação ou o local de residência do proprietário, a data de compra, o preço pago ou o nome de um doador ou vendedor.

Outras pessoas optaram por marcar sua propriedade colando nos livros algum tipo de etiqueta impressa. É geralmente aceito que o primeiro ex-líbris foi uma etiqueta em xilogravura, colorida à mão, colocada nos livros doados a um mosteiro

ca.1480; after that, the idea gradually took off in Germany in the early sixteenth century and spread more widely across Europe. It was only slowly taken up in Britain, but around the end of the seventeenth century there was an explosion of interest and since about 1700 thousands and thousands of bookplates have been used all round the world, including in South America. Technically, we make a distinction between bookplates and book labels – a bookplate is printed from an engraved or etched block, while a book label is made up of printers' type or ornaments; both formats have been extensively used.

Ink stamps and stencils have also been used to mark ownership. The earliest examples in Europe date from the sixteenth century, but those designed for personal use more typically date from the eighteenth century onwards. Ink stamps have also of course been very extensively used by institutional libraries, a practice which is still common today. When such libraries have been using stamps over a long period of time, recognising, and dating the sequence of stamps used can be helpful in working out when books were acquired.

Investigating and interpreting provenance evidence has academic and

alemão (o Buxheim Charterhouse) por Hilebrand Brandenburg, em ca. 1480. Depois disso, no início do século XVI, a ideia ganhou força gradualmente na Alemanha, e se espalhou mais amplamente pela Europa. Na Grã-Bretanha, lentamente, o ex-líbris foi se tornando popular, mas por volta do final do século XVII, houve uma explosão de interesse por eles; entretanto, desde 1700, milhares e milhares de ex-líbris passaram a ser usados em todo o mundo, incluindo a América do Sul. Tecnicamente, fazemos uma distinção entre ex-líbris e etiquetas de livro – um ex-líbris é impresso a partir de um bloco de madeira ou placa de metal, enquanto uma etiqueta de livro é composta com tipos de impressora e/ou ornamentos. Ambos têm sido amplamente utilizados, funcionando também como elemento de distinção social.

Os carimbos de tinta e estênceis também têm sido usados para marcar a propriedade. Os primeiros exemplos na Europa datam do século XVI, mas os destinados ao uso pessoal datam, mais especificamente, do século XVIII em diante. Os carimbos de tinta foram amplamente utilizados por bibliotecas institucionais, uma prática que ainda é comum hoje em dia. Quando essa prática é de longa data, como no caso da Biblioteca Nacional do Brasil, reconhecer e datar a sequência de carimbos

cultural value, but it may also have more directly practical importance for custodians of library collections. Because every copy of the same edition of the same printed book is at least theoretically identical, as regards its text and printed content, different copies may be hard to tell apart. It is of course the copy-specific aspects of books – the markings of owners, the way the books have been bound, all the traces of their individual histories – which makes them unique objects, and possible to tell apart. If provenance details have been recorded in catalogues, it becomes possible to identify, confidently, each particular book. Should a book be stolen – and, sadly, libraries have long been subject to theft, and continue to be targeted today – its true owners have a much better chance of regaining it if its markings are known and recorded. Provenance research is also playing an increasingly important role in helping libraries to identify books whose acquisition, in the past, may have been the result of war, looting or other dubious practices, something which has become a matter of increasing international concern as we debate issues around colonisation, empires and cultural appropriation.

These many aspects of provenance research, and its application, are all

usados pode ser útil para estabelecer os períodos em que os livros foram adquiridos.

Investigar e interpretar as marcas de proveniência têm valor acadêmico e cultural, e de igual modo, têm uma importância mais direta e prática para os gestores das coleções das bibliotecas. Como cada cópia da mesma edição de um livro impresso é teoricamente idêntica no que diz respeito a seu texto e conteúdo impresso, cópias diferentes podem ser difíceis de discernir. É claro que são os aspectos específicos de cada exemplar - as marcas dos proprietários, a forma como foram encadernados, todos os vestígios de suas histórias individuais - que os tornam objetos únicos e possíveis de serem distinguidos. Se os detalhes da proveniência foram registrados em catálogos, torna-se possível identificar com confiança cada livro em particular. Se um livro for roubado - e, infelizmente, as bibliotecas estão há muito tempo sujeitas a esta ameaça e continuam alvo de roubos até hoje - seus verdadeiros proprietários têm muito mais chances de recuperá-lo quando suas marcações forem conhecidas e registradas. A pesquisa sobre proveniência também está desempenhando um papel cada vez mais importante em ajudar as bibliotecas a identificar livros cuja aquisição possa ter sido resultado de guerras, pilhagem ou outras práticas duvidosas, algo que se tornou uma preocupação crescente

represented in this special issue. There is value in expanding on the core philosophy, in setting out how much more there is to books than just their textual contents, as Luciana Maria Napoleone and Maria Lucia Beffa do in considering books and libraries as cultural heritage. Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro, in “O livro como objeto: uma abordagem para além do conteúdo”, draws on the work of Suzanne Briet and Paul Otlet to make the same point.

Taking a particular private library as a case study, to explore the ways in which it was built up, used, marked, or bound, is an obvious methodology to apply in this field, as demonstrated by several articles. Paulo Henrique Rodrigues Pereira and Caio Henrique Dias Duarte write about the Viscount of Rio Branco’s library, Claudia Castellati Font about Andrés Bello’s, Rosângela Coutinho da Silva about Celso Cunha’s, Fernanda Maria Guedes de Campos about Feliciano Maria’s, Marcelo Augusto Mendonça Domingues about Silvio Goldgewitch’s and Carlos Henrique Juvêncio and Andre Vieira de Freitas Araujo about Ernesto de Senna’s. Jandira Flaeschen, Thais Helena de Almeida and Nathália Amorim have been able to use provenance markings in the National Library of Brazil to build a

internacionalmente à medida que debatemos questões envolvendo colonialismo, imperialismo e apropriação cultural.

Estes muitos aspectos da pesquisa de proveniência e sua aplicação estão representados nesta edição especial. É relevante aprofundar-se sobre a filosofia central da área, qual seja, estabelecer o quanto mais existe nos livros do que apenas seu conteúdo textual, como fazem Luciana Maria Napoleone e Maria Lucia Beffa ao considerar livros e bibliotecas como herança cultural. Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro, em "O livro como objeto: uma abordagem para além do conteúdo", recorre ao trabalho de Suzanne Briet e Paul Otlet para argumentar no mesmo sentido.

Tomar uma biblioteca particular como objeto de estudo para explorar as formas em que ela foi construída, usada, marcada ou encadernada, é uma escolha óbvia de aplicação da metodologia de estudo de proveniência, como demonstrado por vários artigos neste volume. Paulo Henrique Rodrigues Pereira e Caio Henrique Dias Duarte escrevem sobre a biblioteca do Visconde de Rio Branco, Claudia Castellati Font sobre a de Andrés Bello, Rosângela Coutinho da Silva sobre a de Celso Cunha, Fernanda Maria Guedes de Campos sobre a de Feliciano Maria, Marcelo Augusto Mendonça Domingues sobre a de Silvio

picture of the movement of some important collections from the nineteenth century, the Salvador de Mendonça and Teresa Cristina collections.

The starting point may be one particular book (Marli Gaspar Bibas and Fabiano Cataldo de Azevedo, working on a copy of Prosper Marchand's *Histoire*), or a whole library, exploring the collections which have helped to build it up (Júlio Costa on the Livraria dos Viscondes de Balsemão, Diego Medan on the Arata Library, Gerardo Manuel Trillo Auqui and Maria Elena Salvatierra Chuchón on Peruvian libraries, Maria Claudia Santiago and Fátima Duarte de Almeida on the Manguinhos collection, Joice de Medeiros and Asa Fujino on the Vital Brazil Collection at Instituto Butantan, Shirly Pimentel Vieira, Karyna da Rocha Tavares and Rubens Leal de Azevedo on the COLTED Collection at the Universidade Federal de Pernambuco, Thiago Cirne on the PGE-RJ Collection, Frederico Antonio Ferreira on the Itamaraty collection, Tatyana Marques de Macedo Cardoso and Priscila de Assunção Barreto Côrbo on the historic and special collections housed at Colegio Pedro II). The work of Ana Wanessa Barroso Bastos, Jefferson Veras Nunes, Larissa Monte Filgueiras and Tainá Copini Brasileiro de Lima focuses on the

Goldgewitch e Carlos Henrique Juvêncio e André Vieira de Freitas Araújo sobre a de Ernesto de Senna. Jandira Flaeschen, Thais Helena de Almeida e Nathália Amorim usaram as marcas de proveniência na Biblioteca Nacional do Brasil para construir um quadro do movimento de algumas coleções importantes do século XIX, especialmente as coleções Salvador de Mendonça e Teresa Cristina.

O ponto de partida do estudo pode ser um livro em particular, como fazem Marli Gaspar Bibas e Fabiano Cataldo de Azevedo trabalhando sobre um exemplar da *Histoire de l'Imprimerie*, de Prosper Marchand; ou uma biblioteca inteira, explorando as coleções que ajudaram a construí-la, como faz Júlio Costa ao estudar a Livraria dos Viscondes de Balsemão; Diego Medan, a Biblioteca Arata; Maria Claudia Santiago e Fátima Duarte de Almeida, a Biblioteca de Manguinhos; Joice de Medeiros e Asa Fujino, a Coleção Vital Brasil no Instituto Butantan; Shirly Pimentel Vieira, Karyna da Rocha Tavares e Rubens Leal de Azevedo, a Coleção COLTED na Universidade Federal de Pernambuco; Thiago Cirne, a coleção da PGE-RJ; Frederico Antonio Ferreira, o acervo do Itamaraty; Tatyana Marques de Macedo Cardoso e Priscila de Assunção Barreto Côrbo, as coleções especiais pertencentes ao

handwritten inscriptions found in Cicillo Matarazzo's collection while Stefanie Cavalcanti Freire proposes that this kind of provenance mark can be both an important source and a research object.

We must remember that the book trade, as well as individual book owners, had an important role to play, and that much of the evidence we encounter in books, and need to interpret, originated there. It is good, therefore, to see several articles focused on book trade markings: Ana Roberta Tartaglia writes about nineteenth-century bookbinders' tickets, and Vanilda Mazzoni, Fabiano Cataldo de Azevedo and Alicia Duhá Lose about booksellers' labels from northern Brazil. Elisangela Silva da Costa uses the marks in the Annunciada Chaves collection to build a picture of the old bookstores in Belém do Pará while Monique Hulvey writes about the book trade in Renaissance France.

Various libraries in Europe have realised that provenance work has an important role to play not only in academic research, but also in more practical issues around the tracing of stolen books, or identifying ones which were illegally looted in the past. The article here by Monica Carneiro Alves, Diana dos Santos Ramos and Maria José

Colégio Pedro II; e Gerardo Manuel Trillo Auqui e Maria Elena Salvatierra Chuchón estudando algumas bibliotecas peruanas. Já o trabalho de Ana Wanessa Barroso Bastos, Jefferson Veras Nunes, Larissa Monte Filgueiras e Tainá Copini Brasileiro de Lima concentra-se nas inscrições manuscritas encontradas na coleção de Cicillo Matarazzo, enquanto Stefanie Cavalcanti Freire propõe que este tipo de marca de proveniência pode ser tanto uma fonte importante quanto um objeto de pesquisa.

Devemos lembrar que o comércio de livros, assim como os proprietários individuais de livros, desempenharam um papel importante e que muitas das evidências que encontramos nos livros e precisamos interpretar, tiveram origem nas transações comerciais. É apropriado, portanto, termos vários artigos focados em marcas comerciais de livros: Ana Roberta Tartaglia escreve sobre as etiquetas de encadernadores do século XIX; Vanilda Mazzoni, Fabiano Cataldo de Azevedo e Alicia Duhá Lose se debruçam especificamente sobre etiquetas de livreiros do nordeste do Brasil. Elisangela Silva da Costa usa as marcas da coleção Annunciada Chaves para traçar um panorama das antigas livrarias em Belém do Pará, enquanto o texto de Monique Hulvey trata do comércio de livros na França renascentista.

da Silva Fernandes, recognises the utility of stamps and other markings in books in the National Library of Brazil in detecting, and combating, illicit book trafficking. Jullyana Monteiro Guimarães Araújo adds her voice to this theme by stressing the value of book stamps, as a security device, despite the reservations which people sometimes express on aesthetic grounds. On the same topic, Paulo Teles de Castro Domingues discusses the overall importance of provenance research in combating illicit book traffic and in recovering artifacts.

In order to harness the potential of provenance work, and broader recognition of its value, we need to develop skills that anyone handling historic books can deploy to recognise and interpret what they see. Alicia Duhá Lose and Arivaldo Sacramento de Souza rightly demonstrate the importance of palaeographical expertise, while Fábio Frohwein de Salles Moniz reminds us that we need to be able to cope with the Latin that we regularly encounter in early book markings. We also need to ensure that library cataloguers are well equipped, in the manuals and the computer systems they use, to record provenance data in standardised forms which can be searched and discovered. This has also been an evolutionary journey

Várias bibliotecas na Europa perceberam que os estudos de proveniência têm um papel importante não só para a pesquisa acadêmica, mas também para questões mais práticas em torno do rastreamento de livros roubados ou na identificação dos que foram saqueados ilegalmente no passado. O artigo escrito por Monica Carneiro Alves, Diana dos Santos Ramos e Maria José da Silva Fernandes reconhece a utilidade dos carimbos e outras marcas nos livros da Biblioteca Nacional do Brasil na detecção e no combate ao tráfico ilícito de livros. Jullyana Monteiro Guimarães Araújo se soma ao debate ao enfatizar o valor dos carimbos como um dispositivo de segurança, apesar das reservas que alguns profissionais às vezes expressam por razões estéticas. Sobre o mesmo tema, Paulo Teles de Castro Domingues discute a importância geral da pesquisa de proveniência no combate ao tráfico ilícito de livros e na recuperação de artefatos.

A fim de melhor aproveitar o potencial dos estudos de proveniência e o reconhecimento mais amplo de seu valor, precisamos desenvolver certas habilidades que os profissionais que lidam com livros históricos empregam para reconhecer e interpretar o que vêm. Alicia Duhá Lose e Arivaldo Sacramento de Souza demonstram a importância do conhecimento sobre

in recent decades, and while online catalogues and the MARC format which underpins them are better than they used to be, there is still work to be done. The article by Luiz Felipe Peçanha Stelling and Thalles Augusto de Carvalho Siciliano, and the one by Fátima Duarte de Almeida, Maria Claudia Santiago, and Tarcila Peruzo, both address these kinds of practical, professional issues. Rosângela Rocha Von Helde and Silvia Fernandes Pereira write about the Brazilian National Bibliographic Heritage Catalogue (CBPN), and its work on capturing and identifying provenance marks.

Identifying provenance marks, and interpreting the evidence, depends on supporting literature to which researchers can turn; this used to mean printed reference books, but today the online environment hosts a growing number of initiatives which are freely and internationally accessible. Two particular ones are described here – the KOBINO database, on the circulation of books in Nueva España, presented by Idalia Garcia and Ricardo Vargas, and *Book Owners Online*, authored by David Pearson, which aims to build a directory of British private libraries. The Consortium of European Research Libraries (CERL) has been a particular leader in this area, maintaining

paleografia, ao mesmo tempo em que Fábio Frohwein de Salles Moniz ressalta a necessidade de sermos capazes de lidar com o latim que encontramos regularmente nas obras. Também precisamos garantir que os catalogadores de bibliotecas estejam bem equipados, incluindo os manuais e sistemas que utilizam, para registrar os dados de proveniência em modelos padronizados que possam ser pesquisados e descobertos. Nas últimas décadas houve muita evolução neste sentido, embora os catálogos *on-line* e o formato MARC sejam atualmente melhores do que no passado, ainda há trabalho a ser feito. Tanto o artigo de Luiz Felipe Peçanha Stelling e Thalles Augusto de Carvalho Siciliano como o de Fátima Duarte de Almeida, Maria Claudia Santiago e Tarcila Peruzo tratam desse tipo de questões práticas para os profissionais da área. É o caso também do texto de Rosângela Rocha Von Helde e Silvia Fernandes Pereira que aborda o trabalho de captura e identificação de marcas de proveniência no Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional Brasileiro (CBPN).

A identificação de marcas de proveniência e a interpretação das evidências dependem da literatura de apoio à qual os pesquisadores podem recorrer; isto costumava significar livros de referência impressos, mas hoje o ambiente *on-line*

a very useful listing of online resources which are relevant for provenance research. It has also created and hosted the *Material Evidence in Incunabula* database, which is still growing, and provides rich copy-specific information on fifteenth-century printed books from libraries across the world. An essay on CERL's work, by Cristina Dondi, Marian Lefferts, and Merieke Van Delft is therefore another welcome inclusion in this number.

Therefore, we are grateful to all the authors who patiently waited for this moment; with their articles, they contribute to the bibliography on the theme. We thank each of the people who collaborated with this edition, the librarians at UFPA; the colleagues who read the articles and helped the authors to improve their papers, the colleagues from the Research Group, especially Maria Cláudia Santiago (FIOCRUZ/Brazil), Maria Lucia Beffa (USP/Brazil), Luciana Napoleone (TRF3/Brasil), Nathália Amorim (IFRJ/Brazil) and Elisângela Silva (UFPA/Brazil). We are grateful for the initial support of colleagues at UFPB. Our thanks to our colleagues James Willoughby, Maria Fernanda Guedes Campos and Raphaële Mouren - remarkable researchers - who wrote the

oferece um número crescente de recursos através de iniciativas que são de acesso livre e tem escopo internacional. Duas destas iniciativas são descritas neste volume. O banco de dados KOBINO, dedicado à circulação de livros na Nova Espanha, apresentado por Idalia Garcia e Ricardo Vargas, e *Book Owners Online*, de autoria de David Pearson, que visa construir um diretório de bibliotecas privadas britânicas. O *Consortium of European Research Libraries* (CERL) tem sido um líder nesta área, mantendo uma listagem muito útil de recursos *on-line* relevantes para a pesquisa de proveniência. O CERL também criou e hospeda o banco de dados *Material Evidence in Incunabula*, ainda em crescimento, que fornece informações valiosas e específicas sobre livros impressos do século XV, oriundos de bibliotecas de todo o mundo. Um ensaio sobre a atuação do CERL de Cristina Dondi, Marian Lefferts e Merieke Van Delft é, portanto, outra inclusão bem-vinda neste número.

Destarte, por esse conjunto, somos gratos a todos os autores que pacientemente esperaram por este momento e que, com seus artigos, contribuem para a bibliografia sobre o tema. Agradecemos a cada uma das pessoas que colaboraram com esta edição, aos bibliotecários da UFPA que revisaram os artigos, àqueles que os leram e ajudaram

following texts about the significance of this publication. Just like Luiz Ramiro, president of the National Library Foundation, our highest institution of memory, history and heritage.

A special thanks and with much affection to the editors of "Revista Ponto de Acesso" and the Postgraduate Program in Information Science of the UFBA that has invited us to publish this herculean work collectively made and thinking on the greater benefit that is to share and disseminate knowledge.

os autores a refinar seus textos, aos colegas do Grupo de Pesquisa, em especial Maria Cláudia Santiago (FIOCRUZ/Brasil), Maria Lucia Beffa (USP/Brasil), Luciana Napoleone (TRF3/Brasil), Nathália Amorim (IFRJ/Brasil) e Elisângela Silva (UFPA/Brasil). Nos agradecemos o apoio e suporte inicial de colegas da UFPB. Gratidão aos colegas James Willoughby, Maria Fernanda Guedes Campos e Raphaële Mouren – notáveis pesquisadores da área – que escreveram os textos a seguir sobre a relevância desta publicação. Bem a Luiz Carlos Ramiro, presidente da Fundação Biblioteca Nacional, nossa instituição máxima de memória, história e patrimônio.

Declaramos um agradecemos especial aos editores da "Revista Ponto de Acesso" e ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFBA que nos convidaram para publicar este trabalho hercúleo, feito coletivamente e pensando no maior benefício que é compartilhar e disseminar o conhecimento.

## SPECIAL ISSUE ON PROVENANCE

Dr James Willoughby,  
*Research Fellow, New College, University of Oxford;*  
*Director, Medieval Libraries of Great Britain (MLGB3); Editor, Corpus of British Medieval Library Catalogues; Co-Editor, The Library: Transactions of the Bibliographical Society*

Books are the objects that survive most plentifully from the distant past, an intrinsic signal of the value they have always carried. There is no human artefact which has more to say to the history of human culture. The ways in which books have been annotated, bound, mutilated or marked in the course of their lives speaks to their social history as objects, while the routes they have taken speak to the transmission and reception of the texts and ideas they contain.

The descent of medieval and early-modern libraries has entailed wide movements in the course of history: colonization, secularization, war, and displacement in the aftermath of war. Continuity of libraries, be they institutional or personal, has never been a settled fact. Large-scale secularizations of religious houses began as early as the 1530s in England and Scandinavia and have continued in Europe in every century since then but our own. Moments of particular peril were the Thirty Years War, the Napoleonic era, the Spanish *desamortización*, the October Revolution, and two World Wars. In more settled times, books may change ownership between institutions through simple deaccession, as happened during large-scale sales of duplicates in nineteenth-century libraries, many of which were purchased for new libraries in the United States.

To derive any insight from these developments we depend on the individual marks of ownership in the books: without them we are blind to the channels of reception. While libraries have been central to the transmission of culture in the West for two thousand years, librarianship has been slower to take shape. Signs of what we might recognize as active librarianship, such as the writing of *ex libris* or *ex dono* inscriptions into books, devising shelf-marks, or entering a table of contents on to a flyleaf, are not regularly found before the fifteenth century, but become more common thereafter. But even without explicit marking, many books will carry names or notes on flyleaves that can help to localize a provenance, or else internal evidence, perhaps an adjusted liturgical kalendar, even a variety of script or decoration in a manuscript, that can point to a particular diocese or religious house. A lack

of marks is no disadvantage to libraries that have survived *en bloc*, such as significant ones displaced in revolutionary France—the libraries of Clairvaux or Cîteaux, for example, whose ownership simply passed from the suppressed monastery to the local bibliothèque municipale. But so complete a library is a rare thing. Marks of provenance are of essential importance where libraries have been broken up and scattered, as has been the case generally across Europe.

Provenance studies have been proceeding in a scientific manner now for more than a century and a half, from the foundational work of Léopold Delisle (1826–1910) in France, Ludwig Traube (1861–1907) in Germany, and, in England, M. R. James (1862–1936). Delisle was a librarian; Traube and James, stating their debts to Delisle, were university men. Provenance research since then has always proceeded hand in glove, Library and Academy, the former concerned to accurately describe and understand the books in its custodianship, the latter to draw conclusions and contextualize the gathered data. In Great Britain, members of the generation that came after M. R. James brought together the material for the handlist, *Medieval Libraries of Great Britain*, first published in 1941, a seminal work that arranges lists of provenanced books alphabetically by medieval institution.

Such works can grow quickly as librarians and scholars contribute discoveries in a public-spirited manner. The largest area for growth was, however, the least populated, which were the printed books owned by medieval libraries in the eighty years between the time of Gutenberg and the dissolution of the religious institutions in England, the date at which *Medieval Libraries of Great Britain* closes. Printed books were not included in that listing unless by serendipity; in other words, no survey was undertaken to discover early printed books with provenance because no single researcher, in the span of a normal lifetime, could have expected to master such an ocean of material. The reason the researcher would have needed to act alone is that librarians and bibliographers have traditionally not been concerned to record copy-specifics when describing early printed books. In the past twenty years this has finally changed, under the influence of reception studies and histories of reading and publishing that have arisen in English Faculties. But the new awareness that each printed book is unique takes its origin ultimately in Ludwig Traube's lesson that every manuscript, even if it has no independent textual value, is none the less a witness to the culture that produced it. Librarians now routinely enter copy-specifics in their descriptions of printed books. Harvesting these data has become feasible, and projects now exist that encourage

participation and set standards for description, such as Material Evidence in Incunabula (MEI), led by Cristina Dondi and made available by the Consortium of European Research Libraries (CERL).

The flow of books from the Old World to the New is a matter of supreme interest; but the history of the movement of European books into Latin America cannot as yet be written. There has never been a better moment, however, than the current one to support such an enterprise. We are working in a golden age for collaboration between historians and library and information professionals, with opportunities for creating large-scale, interoperative datasets that will enable answers to the largest questions on the transmission of texts, the rise of the European book trade, the history of libraries, and the descent of books to their modern repositories. The present collection of essays is a foundational statement of intent for future work.

## **MARCAS DE PROVENIÊNCIA NO ACERVO DA BIBLIOTECA NACIONAL / BRASIL**

Dr. Luiz Carlos Ramiro Junior  
*Presidente da Fundação Biblioteca Nacional*

A Fundação Biblioteca Nacional tem a missão de coletar, registrar, salvaguardar e dar acesso à produção intelectual brasileira, preservando a memória bibliográfica e documental do país e assegurando o intercâmbio com instituições nacionais e internacionais. Além do cumprimento dessas missões estatutárias, a equipe técnica da casa compartilha conhecimentos através da participação em projetos, assessorias, eventos e publicações, e se empenha em conhecer, registrar e divulgar as peculiaridades desse acervo monumental. Eventos como o “Ciclo de Palestras: Marcas de Proveniência e a Cultura Material”, que teve sua realização em 2020, com a participação ativa de servidores da instituição, constituem oportunidades ímpares para fomentar pesquisas e investigações em nossa coleção, que resultam, não raro, em trabalhos que possibilitam interação com a sociedade, e geram metodologias a serem utilizadas em outros acervos ou por outras instituições.

Organismo em constante crescimento, tendo como função precípua ser o repositório da memória nacional, importantes coleções e obras são incorporadas constantemente ao seu acervo. Sua política de desenvolvimento de coleções está ligada aos processos de captação por doação, permuta, compra, e, principalmente, através das obras depositadas em cumprimento à Legislação de Depósito Legal.

O acervo da Biblioteca Nacional brasileira teve início em terras lusitanas, oriunda da Biblioteca Real portuguesa. A Biblioteca que chega ao nosso país entre os anos de 1810 e 1811 se constituía num repositório do saber universal, em diversos suportes, como manuscritos, livros, partituras, programas de concerto, materiais iconográficos, cartográficos etc.

O terremoto de 1755, que destruiu grande parte de Lisboa, afetou também a Biblioteca Real, que ficava abrigada na Casa do Forte do Paço da Ribeira. Após esse lamentável episódio, quando grande parte das coleções foi perdida, o rei d. José I (1714–1777) deu início a uma nova Biblioteca Real, que começou a ser organizada, desta vez no Paço da Ajuda. Esta nova biblioteca abrigava duas coleções: a Livraria Real, ou Real Biblioteca, de uso privativo dos monarcas, e a biblioteca da Casa do Infantado, para uso na formação dos príncipes reais.

O novo acervo foi sendo formado por doações, como a rica livraria de Diogo Barbosa Machado, o abade de Santo Adrião Séver, entre os anos de 1770 e 1773, e também a livraria do artista e ourives real inglês Guilherme Dugood, que doou em 1773 vários códices manuscritos e estampas preciosas.

A nova biblioteca real também fora enriquecida por compras de acervos privados, requisição de livros de alguns mosteiros e a incorporação do patrimônio dos jesuítas – expulsos de Portugal e das suas colônias por determinação do marquês de Pombal. A essas coleções foram incorporadas outras tantas, cada uma com sua característica, que revelam gostos e interesses particulares de seus colecionadores.

São antigos o desejo e a necessidade que tem o homem de distinguir a propriedade e a origem de seus pertences. Esse procedimento remonta à Antiguidade, quando os comerciantes tinham o hábito de marcar seus produtos com emblemas ou símbolos que pudessem atestar a origem ou a propriedade dos mesmos. O registro de posse e de procedência foi também aplicado ao livro, seja pelo uso de assinaturas, carimbos, selos, etiquetas ou ex-líbris, desde os papiros, passando pelo rolo de pergaminho, pelo códice e mais intensamente nos livros tipográficos. Marcas de identificação foram utilizadas por praticamente todos os que estavam envolvidos com o processo de fabricação e uso do livro. Para identificação dos produtores dos livros e procedência eram inseridas marcas de tipógrafos, de encadernadores, de editores, de livreiros; bem como marcas de propriedade para identificar a posse, seja com a utilização de assinaturas ou de carimbos, de ex-líbris, de super libros, de encadernações especiais, etc. Quando marcas de propriedade são aplicadas em um livro ou documento, considerado em suas diversas tipologias, oferecem outros dados para além das informações contidas no texto.

Auxiliados pelas marcas de propriedade e proveniência existentes nesse monumental acervo, é possível identificar importantes coleções formadoras. Essas marcas ajudam a traçar os roteiros percorridos pelos documentos, além de registrar momentos sociais, políticos, históricos, ou mesmo o que se publicava e o que se lia em determinados períodos.

## MARCAS DE PROVENIÊNCIA – UMA OPÇÃO, UM TESTEMUNHO

Dra. Fernanda Maria Guedes de Campos

*Investigadora integrada – Centro de Humanidades CHAM NOVA FCSH/UA*

“O que é ler? Como reconstituir as leituras antigas? As respostas não estão de modo nenhum garantidas, mas torna-se claro que a história intelectual não poderá evitá-las por muito tempo. A título provisório, é sem dúvida um bom método não recusar nenhuma das percepções que permitem reconstituir, pelo menos parcialmente, o que os leitores faziam das suas leituras [...]”.

CHARTIER, Roger, *A História Cultural entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002, p. 61.

Tomando como ponto de partida esta citação de Roger Chartier, importante historiador do Livro, não é difícil reconhecer e integrar o estudo das marcas de proveniência entre as “percepções” que nos ajudam a reconstituir práticas de leitura e a identificar perfis de colecionismo bibliográfico, no espaço e no tempo.

O estudo das marcas de posse tem várias funcionalidades. Desde logo porque se considera que toda e qualquer evidência que exista num livro e que possa configurar um testemunho de propriedade quer tenha a forma de ex-libris, super-libros ou carimbo quer consista em inscrição manuscrita, feita no próprio livro, ajuda a reconstituir práticas de leitura e a identificar perfis de colecionismo bibliográfico, no espaço e no tempo. Durante muito tempo foi apenas a própria marca, como representação gráfica, heráldica ou artística, que constituía o campo de pesquisa. Sem embargo da continuação desses utilíssimos estudos, as marcas e outras evidências do uso dos livros constituem, na atualidade, uma área específica de investigação, no âmbito da História do Livro e da Leitura. Essa consagração devemos-la à obra seminal de David Pearson, *Provenance Research in Book history: a handbook*. Nela o autor especifica que o termo proveniência não se limita a indicar a origem e o possuidor de uma obra no que é a relação legal entre este e o exemplar adquirido, mas abrange também os aspectos inerentes ao seu uso. Neste contexto, cada exemplar representa um objecto físico, um “artefacto” que, para além do formato, número de páginas, aspecto gráfico e conteúdo intelectual ou artístico, tem características que o individualizam e que nos contam a sua “história”.

Em boa hora surge este dossiê sobre marcas de proveniência. Em termos gerais, é um marco de grande relevância para a História do Livro, da Leitura e... dos Leitores. Acresce, ainda, a importância que têm diversos contributos, enquanto exemplos de Gestão da Informação no contexto biblioteconómico. Com efeito, a nível nacional e internacional, generalizou-se, nas práticas catalográficas, a referência à marca ou marcas que se encontram nos livros. Permite-se, assim, uma ampla pesquisa de nomes de possuidores, individuais e coletivos, por forma a identificar livros que lhes pertenceram e, deste modo, reconstituir coleções bibliográficas que se encontram dispersas e/ou dar a conhecer aquelas que, em razão de doações ou legados, puderam guardar a sua unidade. Não raro, transcrevem-se ou, pelo menos referem-se, quando existem, os comentários de leitura, os sublinhados, as correções, as circunstâncias de aquisição e as datas, mas também, as manifestações de “estados de alma”, já para não falar dos desenhos, contas, receitas, orações... enfim, as provas de que o livro foi sempre um companheiro, nos bons e nos maus momentos.

Os contributos que encontramos neste dossiê abrem um mundo de perspectivas em torno do valor patrimonial de acervos bibliográficos com evidências de posse. São distintos estudos de caso que revelam tipos de marcas, informam sobre coleções e colecionadores, apresentam boas práticas em termos catalográficos e de gestão, dão a conhecer novas ferramentas tecnológicas e, no geral, ajudam a conhecer melhor o livro, como objeto, na relação com o seu possuidor, seja ele individual ou institucional.

E quando o livro não tem marca, ou está ilegível, encriptada ou danificada? Estes são para o bibliotecário e para o investigador, os momentos piores, sem dúvida, e na minha experiência de muitos livros compulsados, são, infelizmente, muito frequentes. Não esqueçamos que marcar um livro é, em primeiro lugar, um ato voluntário. Porém, até os livros sem marca do seu possuidor podem contribuir, caso tenham evidências de uso, para um melhor conhecimento da relação única entre um livro e o seu leitor.

Se estes são os “ossos do ofício” de quem estuda marcas de posse, a verdade é que o interesse por esta matéria tem vindo, cada vez mais, a dar origem a estudos, individuais ou coletivos, como este que agora se edita e que se destaca pelo seu elevado valor científico. Por outro lado, as bases de dados próprias para registo das marcas de proveniência são hoje uma realidade, como também vemos revelado no dossiê. Neste domínio, que é transfronteiriço (pois o livro é um incansável viajante) há a salientar o papel do *Consortium of European*

*Research Libraries* (CERL) que tem vindo a liderar iniciativas neste domínio e a fomentar a colaboração internacional em torno do património bibliográfico.

Saúdo, pois, esta iniciativa em que tive a honra de poder colaborar, cumprimento os organizadores, especialmente o querido amigo Fabiano Cataldo pela sua grande e incansável dedicação a este tema que nos une, e destaco, com muita admiração, o notável trabalho que os colegas brasileiros vêm desenvolvendo e as lições que podemos colher das suas pesquisas.

## PROVENANCES DES COLLECTIONS EN BIBLIOTHÈQUE

Professeur Raphaële Mouren

*Head of Research Collection, British School at Rome*

*Vice-directrice, Centre Gabriel Naudé (France)*

*PI, funded project Greek manuscripts in Renaissance Venice: the library of Guillaume Pellicier and its contribution to Europe's intellectual heritage, 2022-26*

Connaître l'origine et l'histoire d'un livre entre le moment de sa publication et aujourd'hui est utile et intéressant pour de nombreuses raisons.

Depuis une vingtaine d'années, l'intérêt pour les provenances des collections et des documents dans les bibliothèques s'est développé dans plusieurs directions :

- D'abord, un effort a été mené par les bibliothèques pour décrire au moins brièvement les fonds qu'elles conservent, comme par exemple dans la base Répertoire du catalogue collectif de France qui réunit les descriptions de fonds de nombreuses bibliothèques françaises;
- Dans un second temps, les bibliothèques ont cherché à donner des informations sur la provenance des livres en créant des bases de données séparées de leur catalogue
- Les projets sont ensuite devenus collectifs, au niveau national et international
- Avec retard, les chercheurs et universitaires ont commencé à comprendre l'intérêt de ces informations pour leurs propres recherches et à les utiliser.

Ces efforts menés par les bibliothèques sont importants et intéressants. Les projets se sont heurtés à des difficultés techniques (les limites du format Marc et de l'ISBD) qui ont été résolues de diverses façons au fil du temps:

- création de base de données séparées dans un premier temps (Lyon, Barcelone, Madrid, etc.), avec les risques que cela entraîne sur la conservation au long terme des données et la multiplication des outils disponibles pour les lecteurs;
- création de bases de données nationales, avec l'aide des chercheurs qui ont réalisé avec retard l'intérêt de ces données : *Bibale* en France;
- création de bases de données internationales, comme celle de l'association CERL, présente en Europe, en Amérique du Nord et en Amérique du Sud.

Il est intéressant de noter que comme toujours, les avancées sont venues des bibliothécaires et des sciences de l'information et des bibliothèques, et que les données ont commencé à être utilisées par les chercheurs avec retard. Les premiers, les bibliothécaires se sont appuyés sur ces nouvelles informations pour renouveler l'histoire des collections et de ses usages, et pour mettre en lumière des provenances qui permettaient de renouveler les recherches en histoire littéraire, religieuse, politique et économique. Ce nouveau domaine de recherche a bénéficié du renouveau d'intérêt pour les *marginalia*: notes de lectures, croquis et annotations mises dans les livres manuscrits sont étudiés depuis plusieurs centaines d'années, mais récemment des chercheurs, en particulier anglo-saxons, ont mis en lumière leur intérêt dans des publications faciles d'accès. L'histoire des bibliothèques, des collections publiques et privées, l'histoire de la lecture, de la réception et de la transmission des textes, l'histoire de l'édition et de ses aspects économiques sont enrichis par l'utilisation des données de provenances.

Consacrer un dossier à ce domaine récent, qui a vu les bibliothécaires surmonter des obstacles techniques, améliorer la connaissance de leurs collections (avec les conséquences que l'on imagine en matière de signalement, de constitution et de sûreté des fonds), puis les chercheurs orienter leurs recherches différemment grâce à une ressource nouvelle, permettra de prendre connaissance d'entreprises en cours dans les bibliothèques qui sont encore mal ou pas connues et qui doivent se diffuser davantage dans les bibliothèques.